

Como que emergindo das brumas de uma ancestralidade medieva, estas figuras preenchem, com inusitada força, todos os escaninhos onde o Homem, no exercício da vida, deixou vestígios de si. São marcas indeléveis que o reportam tanto na pujança do poder como na serenidade do amor ou na lividez parada dos que, a seguir, serão húmus e recomeço.

Muitas vezes se cruzam os retratos e os destinos para construir a vibração plástica que acende significados e emoções no magma inquietante destes registos.

Tudo na pintura de Tereza Trigalhos nos remete para as dicotomias e para o radicalismo dos excessos: a forma e a cor, a dinâmica do gesto e a composição antropocêntrica, a mediunidade entre o real e o transcendente...

O conteúdo destas propostas oscila entre Eros e Tanatos com a determinação de uma linguagem ímpar na Pintura Portuguesa Contemporânea! As suas telas, vórtices de cor e movimento, são arenas de uma luta que evolui ao compasso da sua explosiva interioridade e do seu incontestável talento.

Carregada de acentos dramáticos num expressionismo que progride da insipiência inicial à trágica postura da sua típica figuração, a pintora realiza a ontogénese de múltiplas e emocionadas constatações que tendem a conciliar os opostos nesta racionalização sequencial de causas e efeitos.

As histórias que sintetiza, fruto aleatório de muitas divagações pictóricas, têm nas personagens que levitam nos seus quadros, o suporte ideal para sentimentos necessariamente fluidos e abrangentes. Nada se define de modo irreversível mas tudo se redimensiona para nos transmitir o sentido teatral e épico que marca a diferença no seu trabalho.

Só o silêncio não cabe na pintura que, literalmente, acontece a Tereza Trigalhos. Com efeito, os elementos emergem de fundos que suscitam e prenunciam a construção final e a levam a aceitar, como válidas, as formas que se agigantam nos primeiros planos da composição.

Marginal aos preciosismos da anatomia ou do pormenor, as suas telas privilegiam os vectores mais importantes deste insólito manancial de lendas e ritos, afinal os pólos que congregam e sedimentam sensações, símbolos e natureza para gerar o poder tremendo que emana da sua obra.

Tão imponderável como Chagall, tão agreste como Francis Bacon e tão real como Otto Dix, Tereza Trigalhos reporta-nos, com assinalável autonomia, os meandros de um psiquismo a um tempo denso e avassalador.

São raros e meramente plásticos os enquadramentos que ligam os temas centrais à periferia do espaço visando o equilíbrio geral da pintura. Na regra, o tema cresce a partir de dúcteis limites predominantemente

triangulares e expande-se em voluta helicoidal ou sinusóide que dinamiza a figuração e a projecta, rumo ao observador, com movimentos que evocam as rotações de um hélice.

Ponderados diálogos de luz e sombra e graduações cromáticas, sugerem a procura exaustiva a que a pintora se dedica para racionalizar e gerir a sua espontânea intuição criadora.

O resultado final exprime, com notável autenticidade, uma pintura intemporal e vigorosa que, não seguindo modelos, a si própria se arquetipiza.

Sintra 2001